

## LEITURAS

---

A Imaginária linha: *PALAVRAS DADAS*, de Maria de Lourdes Pintasilgo<sup>1</sup>

Por Ana Luísa Amaral

*O meu discurso, tal qual é, fará o efeito que deve fazer*  
Sócrates

*Perfeito é não quebrar*  
*A imaginária linha*  
Sophia de Mello Breyner

Infelizmente, eu não privei, como gostaria, com Maria de Lourdes Pintasilgo; apoiei, enquanto cidadã, a sua candidatura, partilhei dos seus ideais, admirei a mulher e o seu pensamento sempre lúcido, sempre atento. Conheci-a pessoalmente no dia 28 de Setembro de 1999, no Café Estrela de Ouro (*vulgo* «Café Pio-lho»), aquando de um debate sobre cidadania. E, a partir daí, fiquei rendida à sua presença fortíssima, ao seu carisma e à forma simultaneamente simples e elaborada com que apresentava (sem recurso a qualquer suporte escrito) as suas posições. Nesse ano, alguns meses antes, tinha morrido uma grande admiradora sua e nossa grande amiga: Margarida Losa. Lembro-me de pensar nessa noite que, se a Margarida fosse viva, havia de gostar de estar ali. O mesmo pensei quando, há mais ou menos um ano, Isabel Allegro de Magalhães (a grande mentora e impulsionadora deste projecto) me falou da necessidade de publicação deste livro e me convidou para ajudar na sua revisão, juntamente com Maria Velho da Costa. Foi para mim uma honra esse convite; e o pequeno tributo que posso prestar a Maria de Lourdes Pintasilgo estará, porventura, aí. Esse tributo estende-se a esta altura de pesar pelo seu desaparecimento, mas também de partilha nossa do seu pensamento e das suas palavras. Tão vivas, porque vivendo através deste livro que nos deu. E das ideias que nos oferece: uma tese feita afecto.

O que me conduz a um passo de um outro livro, querido a Maria de Lourdes, e para o qual ela escreveu, em 1980, um Prefácio absolutamente notável.

---

1 Este texto foi inicialmente apresentado por ocasião do lançamento de *Palavras Dadas*, que teve lugar na Fundação Engenheiro António de Almeida, em 19 de Julho de 2005.

Refiro-me a *Novas Cartas Portuguesas* e a uma carta (a mais curta de todas as cartas), que diz assim: «Minhas irmãs: / Mas o que pode a literatura? Ou antes: o que podem as palavras?» (Barreno *et al.*, [1972] 1998: 210). Ora *Palavras Dadas* é, porque cruzado com a literatura, feito de palavras, e, por isso, também simultaneamente frágil — e poderoso. Por isso lhe assiste igualmente, tal como à literatura, um sentido ético, já que não se furta a situar-se no mundo e a solicitar a sua atenção, tornando este mundo um lugar melhor (e mais belo). Assim são estes textos de homenagem (a que a autora chama, com humildade, «dívida»), que devolvem, em carinho e em respeito, a homenagem que os seus amigos (uma vez mais por iniciativa sobretudo de Isabel Allegro de Magalhães) lhe quiseram fazer, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, no ano 2000.

*Palavras Dadas* consta de quase 150 textos, todos eles curtos, deixados inacabados, com títulos na generalidade muito sugestivos: «Pesado manto de utopia» (p.153), «O recado do fogo» (p. 191), «Entornar esperança» (p. 55), «Sobrevoar a imaginação e a incomodidade» (p. 19), «Estranhamente ausentes» (p. 308), ou «Sobre a terra difícil» (p. 287) — são só alguns exemplos. Em todos eles, a profundidade do pensamento e originalidade da reflexão estão presentes e o que se revela extraordinário neles é a intertextualidade. É que Maria de Lourdes Pintasilgo poderia ter-se limitado a escrever para as pessoas que integram *Mulher das Cidades Futuras*. Tendo-o feito também, sendo claro o cuidado posto nas temáticas referentes aos destinatários, o que é certo é que vai muito mais longe. Desta forma, cada um destes textos comporta excertos ou frases dos textos primeiros com os quais dialogam, ora adaptando-os em títulos, ora transformando-os em epígrafes, que assim esclarecem e iluminam estes novos textos, que vão desde expressões de religiosidade, com ênfase na importância da ética (mais do que da moral) cristã até reflexões sobre literatura (privilegiando-se, note-se, a poesia e a figura tutelar de Pessoa, aqui referido só como Poeta), passando pela exploração de questões relacionadas com o alicerçar da democracia, a preocupação ambiental e de análises da situação sócio-política a partir de lentes feministas.

A mulher das cidades futuras que emerge deste livro e das palavras que escreve é uma mulher profundamente praticante da cidadania e da livre consciência, uma consciência que se prende com o exercício da autoridade partilhada, ou seja, da junção da responsabilidade e da liberdade, sem nunca excluir, nas suas posições de cidadania e de exercício da política, a importância da linguagem dos afectos. Saber aplicar o que convencionalmente pertence à esfera do privado (o afecto) ao que convencionalmente pertence à esfera pública (a política) foi sempre um dos grandes vectores do pensamento e da acção de Maria de Lourdes Pintasilgo. E está aqui omnipresente. Bastará um exemplo: «O que vemos hoje quando dizemos política (...), aquilo a que chamamos 'democracia' não é política. (...) Falta-lhe o que conta na definição do humano e que põe tudo no seu lugar: o afecto — que organiza a vida interior de cada um e constrói as relações entre as pessoas» (p. 254). Por isso, na vida política, «o afecto é a procura da acção justa, a equidade enquanto injustiça a favor dos que são marginalizados» (p. 256).

Maria de Lourdes Pintasilgo pratica estes princípios com aqueles e aquelas a quem oferece este livro. Porque em todos os «eus» que o perpassam perpassa também «um tu — o dos destinatários que vão ler, os que já não poderão ler», como é escrito no Prefácio. Cito as suas palavras: «E transversalmente o «eu», «tu», «ela», querem carregar consigo um «nós» em que se cumpre a mensagem deste livro: o tempo que vivi foi meu e dele sou responsável, mas é na fronteira intransponível entre «eu» e «nós» que existe o «campo do tempo». (p. 13). Foi esta dimensão dialogante de intertextualidade e de interdisciplinaridade (ou de partilha e de dádiva, se transpusermos o que é do domínio do literário para o campo das relações humanas) o que mais me impressionou. E que prova a extraordinária versatilidade do pensamento crítico de Maria de Lourdes Pintasilgo, assim como a sua notável actualização relativamente aos assuntos mais candentes do momento, a mais tangível lição de como pôr em prática a proposta de Hannah Arendt «o essencial para mim é compreender; devo compreender» (p. 182), e o reconhecimento de que «viver é coexistir com o tempo», que «o tempo é [nosso] só no sentido em que (...) perten[cemos] totalmente ao tempo.» (p. 172).

Usei como epígrafe dois versos de Sophia de Mello Breyner: «Perfeito é não quebrar / A imaginária linha» (p. 45). Essa linha imaginária (ou imaginada) pode ser a da utopia, em que Maria de Lourdes Pintasilgo sempre acreditou, uma utopia em que o desterro (a que Boaventura de Sousa Santos aludia no seu texto de homenagem em *Mulheres das Cidades Futuras*, para falar do silenciamento e da marginalização a que ela fora sujeita) «[p]ode transformar-se em aventura de peregrinação, sempre a caminho da terra prometida, sempre atenta à surpresa de uma cara que nos olha nos olhos» (p. 80). Essa atenção à surpresa oferece-me aqui o mote para terminar também com Sophia e um conhecidíssimo poema seu que me parece ilustrar bem a posição de Maria de Lourdes Pintasilgo ao longo de uma vida dedicada à busca de um «imperativo absoluto que necessariamente se prende com a sua proposta de uma «ética do cuidado» e os três princípios que lhe estão subjacentes, ancorados, por sua vez, noutros versos de Sophia: «[u]m país liberto, / (...) uma vida limpa, / (...) um tempo justo», onde fosse «possível construir a forma justa / De uma cidade humana (...) / Fiel à perfeição do universo». Esse «imperativo absoluto» é a **atenção**. No texto dedicado a Lucciana Stegagno Picchio, Maria de Lourdes Pintasilgo escreve: «A atenção supõe mais que a observação do outro ou a sua descrição minuciosa. Exclui na realidade esse tipo de aproximação ao outro. O conhecimento dito *objectivo* do outro é antes a sua deformação. O outro só se constitui na alteridade quando é olhado face a face. E é esse mesmo movimento que nos constitui ao nível do ser» (p. 208). É desse nível que fala o poema de Sophia de Mello Breyner:

Porque os outros se mascaram mas tu não  
Porque os outros usam a virtude  
Para comprar os que não têm perdão.

Porque os outros têm medo mas tu não.  
Porque os outros são túmulos caiados  
Onde germina calada a podridão.  
Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem  
E os seus gestos dão sempre dividendo.  
Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos  
E tu vais de mãos dadas com os perigos.  
Porque os outros calculam mas tu não.